

Clima: semeando esperanças

▼ Fato amplamente desconhecido pela opinião pública está em curso no mundo, um dos mais memoráveis movimentos em prol da preservação do meio ambiente de que se tem notícia. Enquanto pululam na mídia assustadoras (e reais) previsões relacionadas com o colapso da atmosfera, comunidades inteiras se atiram de corpo e alma em projetos de reflorestamento.

Como se sabe, as florestas possuem papel fundamental na regulação climática, pois absorvem dióxido de carbono, um carro-chefe dos gases de efeito estufa. Combater o desmatamento é uma frente de grande importância. A derrubada e queima da massa vegetal libera vastas

quantidades de carbono, competindo com as emissões veiculares e das indústrias.

As árvores desempenham um papel crucial na oferta de produtos e serviços para população rural e urbana. Esta pauta inclui comida, madeira, remédios e energia. Ademais, asseguram a fertilidade do solo, mantêm reservas de umidade e contribuem para a conservação da biodiversidade.

Nos últimos quatro anos, a queniana Wangari Maathai, Prêmio Nobel da Paz de 2004, encabeçou, com o apoio da ONU, a campanha pelo plantio de um bilhão de árvores. Sua voz foi ouvida em dezenas de países, motivando a adesão de milhões de pessoas. A campanha, contando

com apoiadores em todo o mundo, conquistou enorme apoio no continente africano. A Etiópia, plantou 700 milhões de árvores em 2006 e, em 2008, outras 687 milhões. No Quênia, foram 143 milhões e, em Ruanda, 50 milhões. Em 2009 chegou-se em 7 bilhões de árvores plantadas em todo o mundo, um sucesso sem precedentes.

Até 2007, a África representou 60,4% do reflorestamento mundial e a América Latina, 24%. A Europa e a América do Norte, os maiores emissores de gases, contribuíram modestamente: 10% e 5,6% do total. A contribuição do Brasil foi irrisória. Em 2007, o País plantou somente 16 milhões de árvores,

número largamente superado pelos incêndios na Amazônia.

Assim, enquanto muitas autoridades reunidas em Copenhague falam em diminuir o recuo da floresta e festejam a divulgação de taxas menores de desmatamento, grupos de camponeses arregaçaram as mangas e partiram para ampliar a área de florestas e não constrangedoramente diminuir os desmates. Algo a ser pensado em um mundo onde soluções políticas custam caro em todos os sentidos. Como mostrou Wangari Maathai, a solução pode ser simples, inteligente e direta. Basta querer.

Maurício Waldman é antropólogo e geógrafo.